

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: A PRÁTICA DOCENTE NOS HOSPITAIS DE
CÂNCER INFANTIL**

**HOSPITAL PEDAGOGY: TEACHING PRACTICE IN CHILDHOOD CANCER
HOSPITALS**

GABRIELA RAMOS SPINDOLA¹

BRUNA TAUTENHAIN MONTEZANO²

Dr. HÉLIO RODRIGUES JR³

RESUMO

A pesquisa apresentada destaca os valores, desafios e interesses da abordagem do pedagogo em ambientes hospitalares, em específico o trabalho pedagógico no hospital de câncer infantil GRAACC, hospital pioneiro em tal tipo de tratamento, além de ser considerado modelo sobre a prática educativa através da escola móvel. Com base em nossos estudos demonstramos a importância da pedagogia hospitalar para o processo de ensino-aprendizagem com crianças e adolescentes hospitalizados e abordamos sobre a relevância do pedagogo na educação para cada criança em sua situação específica. Elaboramos algumas questões que compõem perguntas relacionadas ao tema abordado, onde houve um questionário feito com a participação de pais e responsáveis de ex-alunos/pacientes do hospital, ocorrendo essa etapa em maio de 2021. Mostramos que dentre inúmeros fatores, o pedagogo cada vez mais se torna necessário nas classes hospitalares, não somente para que haja uma continuidade nos estudos dos alunos internados, mas também para que o aluno tenha estímulos e se desligue um pouco da realidade dolorosa.

Palavras-chave: Pedagogia hospitalar; GRAACC; Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The research presented highlights the values, challenges and interests of the pedagogue's approach in hospital environments, specifically the pedagogical work in the children's cancer hospital "GRAACC", a pioneer institution in such type of treatment, besides being considered a model on the educational practice through the mobile school. Based on our studies, we demonstrate the importance of hospital pedagogy for the teaching-learning process with hospitalized children and adolescents, focus on the relevance of the pedagogue in education for each child in their specific situation. We elaborated some questions related to the theme - a questionnaire made with the participation of parents and guardians of former

¹ Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

² Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

³ Dr. em Língua Portuguesa PUC-SP - Faculdade de São Vicente – UNIBR – E-mail: h-rodrigues-junior@uol.com.br

students/patients of the hospital, taking this stage in May 2021. The data point out that the pedagogue is becoming more and more necessary in hospital classes, not only for the continuity of the hospitalized students' studies, but also that they can have incentive and disconnect a little from the painful reality.

Keywords: Hospital Pedagogy; GRAACC; Teaching-Learning

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata da ação do pedagogo nas classes hospitalares e o diferencial do trabalho do hospital de câncer infantil GRAACC, localizado na cidade de São Paulo, onde temos por problematização a percepção dos pais/responsáveis

de alunos hospitalizados a respeito das práticas pedagógicas desenvolvidas e contextos hospitalares.

Apresentamos como objetivo geral avaliar a compreensão dos pais/responsáveis de alunos hospitalizados a respeito das práticas pedagógicas desenvolvidas com os filhos, onde especificamente buscamos compreender a pedagogia hospitalar e seus fundamentos; analisar as perspectivas educacionais que norteiam a percepção dos pais/responsáveis; refletir sobre os limites de alcances das práticas desenvolvidas em hospitais.

Relatamos a importância dos estudos, como é importante também que se tenha um espaço voltado a essa prática, lúdico (como uma brinquedoteca, por exemplo) e adaptado, com a presença de professores especializados na área e juntamente com a família participando ativamente de todo esse processo.

Apresentaremos, então, todo o processo de verificação, um pouco da história da pedagogia, as classes hospitalares e a aparição desses profissionais que atualmente estão transformando vidas dia após dia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No presente capítulo serão abordados os conceitos de pedagogia e pedagogia hospitalar, bem como a forma em que o pedagogo deve desenvolver a ação educativa dentro desse ambiente e os diferenciais necessários para ensinar e

conseguir a atenção do aluno mesmo diante de um processo difícil.

Será apresentado a prática pedagógica de um hospital específico, chamado GRAACC (Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer) a fim de torná-lo conhecido e mostrar através do mesmo, que é visto como hospital modelo, como obter sucesso dentro da educação em ambientes como esse.

2.1 Pedagogia

Ao dizer-se a palavra Pedagogia nos referimos ao ensino, e ainda mais, ao ato de ensinar. Pode-se dizer que tal definição corresponde ao campo do conhecimento da educação. Sem pedagogia não há práticas educativas, e sem práticas educativas não temos seres com senso crítico acerca da realidade, ou seja, a pedagogia é um importante componente que integra a atividade humana para um ser inserido na sociedade, indo muito além de práticas escolares.

O nome usado tem origem grega antiga. “Paidós” significa “criança” e “agein”, “conduzir”. A prática apresenta métodos unindo técnicas e propostas educacionais e busca processos eficazes e transformadores, capacitando pessoas e oferecendo um rumo, um norte. Um de seus objetivos é desenvolver conhecimentos voltados para a educação de forma com que seja atendida a inserção do indivíduo na sociedade por meio do ensino.

Pode-se considerar que a Grécia clássica deu início à pedagogia e atuou trabalhando com a cultura e a educação durante anos. Quando chegou no Brasil como profissão, criaram o curso para uma determinada faculdade com marco primeiro no ano de 1939.

Para Franco Cambi (1999), quando se fala em história da educação, história da pedagogia, resulta em um encontro de ideias fundamentadas com um romper de barreiras, quebrar limites de qualquer rotina escolar. É necessário trazer lembranças do cotidiano mundo clássico de antes, trazendo e inovando a cultura com suas técnicas, seu trabalho e valores praticados pelo homem em geral.

2.1.1 Espaço não-escolar

O espaço de atuação do pedagogo e sua prática pedagógica durante muitos anos se restringiu somente ao campo escolar, porém de acordo com Farfus (2012, p. 81), a educação nos dias atuais, não acontece somente dentro dos muros escolares, mas vai além, ou seja, espaço não-escolar diz respeito a um espaço educativo fora da instituição escolar como estamos habituados a ver.

A necessidade da educação fora do campo escolar se deu de acordo com os avanços da sociedade, tornando-se necessário a existência da atuação desse profissional em espaços não-escolares, como ONGs, empresas, grupos culturais e hospitais.

2.1.2 Pedagogia Hospitalar

Pedagogia hospitalar diz respeito a crianças e/ou adolescentes hospitalizados, tratando de dar importância não somente ao corpo que deve ser cuidado, como

também de dar prosseguimento ao que lhes é assegurado por direito: a educação. Só porque uma criança/adolescente está internada não quer dizer que terá que interromper seu desenvolvimento em tocar as coisas, apalpar, brincar, criar, pensar e aprender.

A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, art. 205), diz:

A educação é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A partir do que está determinado na lei maior do Brasil, podemos entender que o direito à educação é de todos e para todos, em quaisquer circunstâncias que estejam, que necessitem ou onde estejam. Entende-se que, por direito, todos têm a preparação necessária por meio da educação de se tornarem qualificados como cidadãos e aptos para exercerem e colaborarem com o meio social.

Na pedagogia hospitalar, o pedagogo precisa de dedicação ao transmitir o

ensino e desenvolver os educandos que, por conta de alguma doença ou problema de saúde, não podem comparecer à escola. Tal segmento é fundamental para acompanhar a criança ou adolescente em sua ausência no ambiente escolar, acontecendo em lugares de internação e em áreas de recreação do hospital.

Esta área da educação, além dos efeitos esperados, também auxilia na recuperação da saúde do paciente e em seu tempo de internação, demonstra e trabalha a cidadania, oferece e disponibiliza bem-estar.

Segundo Matos e Mugiatti (2009, p. 69):

Nesta perspectiva, a atenção pedagógica, mediante a comunicação e o diálogo, é essencial para o ato educativo e se propõe a ajudar a criança (ou adolescente) hospitalizada para que, imerso na situação negativa que atravessa no momento, possa se desenvolver em suas dimensões possíveis de educação continuada, como uma proposta de enriquecimento pessoal.

Como citado acima, a comunicação é fundamental para que haja um melhor auxílio à criança, que se encontra sob cuidados médicos. O diálogo e suas práticas, nesse momento delicado e que requer afeto com seu estado de saúde, surte efeitos para com o desenvolvimento do mesmo.

Esse educador tende a oferecer e proporcionar bem-estar ao enfermo, passando um pouco do seu dia a dia para dentro daquele cenário, trazendo alegrias e momentos de felicidade, mesmo que em estado debilitado. Portanto, essa continuação dos estudos auxilia muito na sua recuperação.

A importância da atuação do Pedagogo alia-se a um princípio básico de amor ao seu aluno, entendendo que a criança é um ser em formação e precisa de um profissional da educação ao seu lado enquanto estiver hospitalizado; pois de acordo com o Estatuto da Criança e Adolescente o ECA segundo o seu artigo 53 diz que a criança tem o direito à educação, seja em qualquer circunstância. (OLIVEIRA *et al.*, 2017, p. 26).

O profissional pedagogo em sua área hospitalar, além de todo cuidado e dedicação, com sua autoridade busca estar suprindo as necessidades educacionais em cada ponto da história. Esse professor atua com o aluno tendo total responsabilidade para que essa criança/adolescente se desenvolva continuamente no processo de ensino. Sua técnica transforma o espaço de internação em sala de aula e com isso articula sua função no intuito de fazer um bom trabalho acadêmico para contribuir na vida social e cultural do aluno paciente.

A pedagogia hospitalar vem trabalhando para que tudo em volta seja

acolhedor e aconchegante, para que possivelmente possa estar contribuindo, de alguma forma, com o lado mental e físico.

[...] a necessidade de formular propostas e aprofundar conhecimentos teóricos e metodologias, visando em atingir o objetivo de dar continuidade aos processos de desenvolvimento psíquico e cognitivo das crianças e jovens hospitalizados. (CECCIM, R.B. & FONSECA, 1999, p.117).

O desenvolvimento das crianças e adolescentes doentes depende, em questão, de estudos e pesquisas fundamentais para que exista uma compreensão de um conhecimento amplo e maior entendimento sobre os desafios que sempre se atualizam e se renovam.

No mundo em geral, a classe tem como principal objetivo fazer um acompanhamento pedagógico munido de propostas para o crescimento intelectual e cognitivo trazendo novas ideias e projetos para que as crianças e adolescentes consigam manter melhores relações familiares, vivência escolar, ainda que sob cuidados e tratamentos médicos.

Na escola, na sociedade, na empresa, em espaços formais ou não formais, escolares ou não escolares, estamos constantemente aprendendo e ensinando. Assim, como não há forma única nem modelo exclusivo de educação, a escola não é o único em que ela acontece e, talvez, nem seja o mais importante. As transformações contemporâneas contribuíram para consolidar o entendimento da educação como fenômeno multifacetado, que ocorre em muitos lugares, institucionais ou não, sob várias modalidades. (FRISSON, 2004, p.88).

Não importa hora e lugar, estamos em um processo constante de ensinar e aprender. Da mesma forma, a educação não acontece somente nas instituições escolares e sim em diversos locais, de modo a não ser uso exclusivo dentro de um ambiente escolar. Logo, o processo de ensinar e educar não se enquadra somente dentro da escola.

2.2 Hospital GRAACC

A história do Hospital GRAACC (Grupo de Apoio à Criança e ao Adolescente com Câncer) teve início informalmente quando em 1974, o Dr. Antônio Sérgio Petrilli foi convidado pelo Departamento de Pediatria da Escola Paulista de Medicina para criar um setor exclusivo de Oncologia Pediátrica na UNIFESP (Universidade Federal

do Estado de São Paulo), onde desde então o mesmo começou a realizar atendimento voluntário às crianças que estavam enfrentando esse quadro clínico. Infelizmente a situação era muito difícil, desde o atendimento até as enfermarias, e com isso, muitas crianças morriam por falta de recursos gritantes no Brasil.

O que interessou o Dr. Petrilli a atuar na área de oncologia pediátrica em uma época onde quase ninguém seguia a carreira de medicina para essa área foi o trabalho de um médico que conheceu em sua residência de pediatria, chamado Aloisio Corradini. Sobre seu inspirador, o fundador do GRAACC relatou:

Eu gostava muito do jeito que ele trabalhava, uma pessoa muito atenciosa, muito humana, tinha um jeito de trabalhar com os pacientes e com as famílias muito importante. Sempre quis trabalhar com ele e um dia fui convidado. Só que o trabalho era exatamente num hospital de câncer e foi lá que despertei meu interesse pela oncologia pediátrica. (REVISTA ESQUINAS, 2019, online)

Após iniciar essa jornada, Dr. Petrilli recebeu a oportunidade concebida pela médica Norma Wollner, que trabalhava no Memorial Sloan Kettering Cancer Center, em Nova York, de realizar um ano de observação. Não hesitando, vendeu seus bens e foi junto de sua família para os EUA para viver esse novo desafio.

Posteriormente ao realizar a observação no hospital de Nova York, resolveu realizar mais pesquisas de campo em hospitais nos Estados Unidos, organizada pela American Cancer Society, e conheceu vários centros para aprender a captar recursos, estruturar e montar organizações que davam suporte ao tratamento contra o câncer. A partir disso, conseguiu mobilizar pessoas para participar do projeto do GRAACC em 1991. Ao retornar para o Brasil, decidiu colocar tudo o que aprendeu em prática.

Em 14 de junho de 1991, realizou uma reunião com médicos e funcionários do HSP (Hospital São Paulo), onde logo se deu a inauguração de um “Sobradinho” no qual posteriormente veio a ser a primeira sala de atendimento exclusivo do GRAACC. Fundou o mesmo baseado no modelo de organização não governamental em parceria técnico-científica com a Unifesp, onde é mantido através de recursos constituídos por doações da sociedade, instituições e organizações empresariais. Desde então, o hospital se tornou um dos braços da saúde pública brasileira, tendo seus pacientes em 90% encaminhados pelo SUS e apenas 10% das crianças se tratam através de convênios médicos.

Grande parte dos pacientes do GRAACC é da faixa etária de 0 a 10 anos, apresentando o câncer no Sistema Nervoso Central, onde a incidência costuma se manifestar com mais frequência, seguido pela Leucemia. O Hospital recebe mais de 400 novos pacientes por ano, sendo em sua maioria de alta complexidade, com chance média de cura de 70%.

Em 2017, o trabalho desenvolvido pelo hospital foi reconhecido em três importantes frentes: pela excelência dos serviços hospitalares, ao receber a acreditação Joint Commission International (JCI); pelas técnicas de gestão, respeito e ambiente de trabalho, ao ser premiado com o Great Place to Work; e pela credibilidade junto à sociedade, ao ser eleito como a melhor ONG na área da saúde para se doar.

2.2.1 Escola Móvel

Uma das maiores dificuldades das crianças e adolescentes no tratamento do câncer é manter a rotina escolar em dia. Para garantir a continuidade de estudos dos pacientes que realizam o tratamento no hospital, foi criada a Escola Móvel, que oferece aulas dentro do GRAACC, com estudos e pesquisas conduzidas por educadores em convênio com a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp/EPM).

Sobre o funcionamento do processo educativo durante a jornada do paciente e aluno no hospital, a Coordenadora da Escola Móvel, Amália Covic, explica:

Quando o paciente começa a fazer tratamento no GRAACC, ele é entrevistado. Nesta entrevista inicial, a gente colhe o nome da escola, entra em contato, e aí durante todo o período de tratamento, que pode ir de oito meses a três anos e meio, a gente mantém contato periódico com a escola durante o ano. (COVIC *apud* REDE GLOBO, 2014).

Podemos observar que o hospital e a escola estabelecem uma parceria para prosseguir e contribuir para a formação e aprendizagem do aluno. Além disso, o contato com a escola de origem é dado não somente após a entrevista, mas durante todo o processo, como podemos observar no relato a seguir:

Perguntamos onde ele parou, o que estava estudando e quanto tempo ele está fora da escola”, conta Amália. “A cada três meses, enviamos um relatório para a escola sobre as habilidades que estão sendo trabalhadas e,

a partir deles, a escola fecha a nota do aluno”, explica a Coordenadora. (COVIC *apud* INSTITUTO CLARO, 2015)

De acordo com o relatado pela Coordenadora, é dada grande importância ao trabalho que a escola de origem estava dando antes da internação do aluno, além de ser respeitado o conteúdo de aprendizagem anterior para assim dar andamento.

A Classe Hospitalar respeita todo o conteúdo programático da escola de origem, de onde recebem as atividades e planejamento. Além das questões educativas, por meio da Escola Móvel, a escola na qual o aluno está matriculado recebe uma notificação sobre suas condições clínicas.

Para a realização das aulas, o professor encontra o aluno e leva o material didático, que pode ser livros, brinquedos ou *tablets*. Quando o aluno se encontra em UTI, usam apenas *tablet*, pois é mais fácil de higienizar.

Os docentes possuem uma reunião diária, para relatar ao grupo quais conteúdos e atividades trabalharam com cada criança, e outra semanal, onde aprofundam os relatos dos casos mais complexos. Além disso, todos os professores participam do programa de especialização da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) de 30 horas semanais.

A iniciativa é reconhecida pelos órgãos competentes, como o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e segue a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A Escola Móvel inspirou política pública, com a lei municipal nº 2865, de 16 de outubro de 2012, da cidade de Santos, litoral de São Paulo. Com esse projeto, a cidade passou a garantir o direito das crianças e adolescentes hospitalizados de manter os estudos durante o período de tratamento ou permanência prolongada em domicílio.

Os alunos matriculados no Ensino Médio podem realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) dentro do hospital. Mesmo em situação frágil, eles têm o direito de realizar a prova e de ter 60 minutos a mais para finalização:

Eles usaram todo o tempo para brigar por uma vaga. É um grande desafio se você pensar que muitos deles estão há meses sem ir a uma escola regular e sem fazer uma prova desta extensão”, conta a coordenadora da Escola Móvel do Graacc, Amália Covic. (COVIC *apud* INSTITUTO CLARO, 2015)

De acordo com os números apresentados pelo hospital, no ano de 2018, foi

realizado atendimento para 551 alunos, havendo 16.195 aulas e 33 alunos inscritos no ENEM.

2.2.2 Brinquedoteca

A brinquedoteca em ambiente hospitalar é de grande importância, visto que tratamentos de doenças infantis podem ser longos, e esse processo não precisa ser mais difícil do que já é. Crianças e adolescentes precisam ter os seus direitos assegurados em qualquer que seja o espaço em que estejam inseridos, e dentre esses direitos estão inclusos os de aprender e brincar.

Segundo Cunha (2007, p. 12):

Os brinquedos são parceiros silenciosos que desafiam a criança possibilitando descobertas e estimulando a autoexpressão. É preciso haver tempo para eles, e espaço que assegure o sossego suficiente para que a criança brinque e solte a sua imaginação, inventando, sem medo de desgostar alguém ou de ser punida. Onde possa brincar com seriedade.

Diferentemente do que muitos pensam, o espaço não é somente um local cheio de objetos coloridos, mas sim um lugar onde crianças e adolescentes hospitalizados poderão ser e fazer o que devem, brincar, imaginar, criar e assim obter forças para continuar na jornada dura contra o câncer.

A brinquedoteca do GRAACC foi instalada em 1998, em parceria com o Instituto Ayrton Senna, sendo a primeira Brinquedoteca em hospital no Brasil. O seu modelo inspirou a criação da Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005, estabelecendo a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas em hospitais de todo o país que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.

A brinquedoteca do hospital conta com uma equipe de dois profissionais (coordenadora e ludotecária) e mais de 45 voluntários, onde também estão inseridos os professores para realização de aulas com utilização de materiais lúdico pedagógicos. A brinquedoteca do hospital é ampla, contemplando espaço para todas as faixas etárias, dentre os espaços podemos mencionar: O canto dos bebês, canto do faz de conta, canto do teatro, canto dos adolescentes e espaço de convívio e relaxamento.

O ambiente em si tem como foco a Humanização Hospitalar, além de ter como objetivo a melhora na qualidade de vida dos pacientes durante a internação e contribuir para o aumento de chances de sobrevivência e cura dos mesmos. No espaço são realizadas orientações psicológicas e psicopedagógica, além de um trabalho informativo voltado para a compreensão da doença e do tratamento, visando auxiliar em seu enfrentamento, o que envolve pacientes, acompanhantes e familiares.

Dentro da Brinquedoteca são realizados atendimento pedagógico no Projeto Escola Móvel. É mantida, também, uma Brinquedoteca Circulante, que consiste de carrinhos com brinquedos que circulam por outros espaços do hospital (Internação, Unidade de Transplante e Quimioterapia). Também são emprestados brinquedos (exclusivamente para áreas internas do hospital), livros, vídeos e gibis (também para casa). Segundo OLIVEIRA:

[...] a alegria, animação e o envolvimento dão mais agilidade não só a nossos pensamentos, como a nossos movimentos. A importância do brincar no ambiente hospitalar vem, portanto, colaborar com o bem-estar integrado e biopsicossocial da criança, favorecendo inclusive a sua melhor compreensão do que está se passando consigo. (2008, p. 30.)

A criação de uma brinquedoteca dentro de um hospital possibilita a interação da criança ou adolescente hospitalizado com um ambiente lúdico, que além de lhe proporcionar momentos de alegria e prazer, faz com que entendam sua condição e aceitem, dessa forma facilitando o tratamento e aumentando as chances de cura.

A importância das informações apresentadas é significativa, uma vez que esses ambientes foram frequentados pelos pacientes cujos responsáveis foram entrevistados para o capítulo de resultados.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

O presente trabalho delimitou-se a uma pesquisa de natureza básica, a partir de uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, concentrando-se nas opiniões de responsáveis por alunos e conceitos pedagógicos, além de que produzimos conhecimento novo dentro da nossa área, principalmente pelo fato de não haver uma abundância a respeito desse tema na região que estudamos.

A partir de diversos levantamentos bibliográficos, buscamos mostrar o que o hospital faz para que torne o processo de aprendizagem mais fácil e prazeroso para

o paciente, como por exemplo, os inúmeros espaços pedagógicos em que disponibilizam para que as aulas sejam mais didáticas.

Apresentamos em nosso percurso teórico os locais com recursos pedagógicos e infantis que se fazem presentes no hospital, como a Brinquedoteca, um espaço amplo e acolhedor onde é dividido em espaços tendo o objetivo a humanização hospitalar.

Para o desenvolvimento do trabalho, optamos em iniciar com uma revisão bibliográfica, pois em decorrência da pandemia de Covid-19, não foi possível haver o deslocamento até o hospital, visto que tal atitude representaria um risco às pesquisadoras e às crianças que apresentam uma imunodeficiência como consequência de seus quadros clínicos.

Como procedimento de pesquisa, foi realizada uma pesquisa de campo onde utilizamos entrevistas concedidas por diversos profissionais do hospital para redes televisivas, jornais, revistas e blogs. Encaminhamos também questionários digitais para os responsáveis por ex-pacientes dos hospitais, realizados através do *Google Forms*, contendo 8 perguntas abertas.

Embora a coleta de dados tenha sido bem-sucedida, ela tem pontos negativos, como demora para retorno ou interpretação incorreta do que se pede, então buscamos colher o máximo de dados possíveis através de poucas perguntas sendo elas claras e objetivas.

Os contatos utilizados são de conhecimento pessoal de uma das integrantes do trabalho, a qual vivenciou de perto o câncer infantil e esteve inserida no hospital ao acompanhar a doença de seu irmão.

Houve dificuldade para a realização, pois há responsáveis que não se mostram confortáveis para responder às questões, sendo de total compreensão já que muitas crianças vêm a óbito, dessa forma, conseguimos dados de somente 4 casos. Como resultado, obtivemos os dados apresentados na seção seguinte.

4 RESULTADOS

Ao todo contribuíram para a pesquisa 4 responsáveis por ex-pacientes, onde o caso 1 e 2 referem-se a ex-pacientes do hospital GRAACC, enquanto o caso 3 e 4 referem-se a antigos pacientes de outros hospitais mas também localizados em São Paulo. Como resultados obtivemos as respostas apresentadas abaixo:

Quadro 1 – Idade dos pacientes durante o período de internação

Pergunta: Qual a idade do paciente durante o período de internação?	
Caso 1	9 anos
Caso 2	10 aos 14 anos
Caso 3	12 anos
Caso 4	12 anos

Fonte: Os autores

Quadro 2 – Série em que cursava durante a internação

Pergunta: Qual série o aluno cursou durante o período de internação?	
Caso 1	4º ano
Caso 2	5ª à 9ª série
Caso 3	6º ano
Caso 4	5ª série

Fonte: Os autores

Quadro 3 – Opinião sobre a efetividade do ensino durante a internação

Pergunta: Você considera que o ensino durante o período de internação foi efetivo?	
Caso 1	Sim
Caso 2	Foi fundamental.
Caso 3	Foi muito efetivo devido ao preenchimento do tempo com algo distante do tratamento.
Caso 4	Sim

Fonte: Os autores

Quadro 4 – Opinião sobre os resultados da educação hospitalar

Pergunta: Na sua opinião, os resultados dessa educação, se compara com os resultados das escolas? É tão aproveitado e oferecido quanto?	
Caso 1	Sim.

Caso 2	São processos diferentes. A Educação Hospitalar se adapta à realidade do paciente, com qualidade e critérios, mas respeitando os limites de recursos e o contexto.
Caso 3	Não sei comparar pois tenho somente um filho mas acredito que o aprendizado não ficou distante do executado na escola.
Caso 4	Não

Fonte: Os autores

Quadro 5 – Opinião sobre a comunicação sobre o desenvolvimento do aluno

Pergunta: Há comunicação por parte dos professores para relatar o desenvolvimento do aluno?	
Caso 1	Sim
Caso 2	Sim. Os professores dos hospitais são extremamente qualificados para a função e para a comunicação.
Caso 3	Os professores não enviam nenhum tipo de comunicado. Tratava apenas com a coordenação da escola que fazia a "ponte" entre os professores e meu filho. Eles informaram as notas tiradas.
Caso 4	Sim

Fonte: Os autores

Quadro 6 – Opinião sobre o interesse do aluno em continuar os estudos

Pergunta: Você considera que houve interesse por parte do aluno, mesmo diante do tratamento, em continuar estudando?	
Caso 1	Sim
Caso 2	Sim. Sempre. A continuidade é essencial.
Caso 3	Sim, como já falei era uma forma de distração neste período complicado.
Caso 4	Sim

Fonte: Os autores

Quadro 7 – Relato de aulas práticas oferecidas no hospital

Pergunta: Quais são os tipos de aulas práticas oferecidas a esses alunos?	
Caso 1	As aulas eram dinâmicas, seguindo o cronograma da escola do aluno.
Caso 2	Oficinas de Arte, de Música, de Pintura, de Fotografia, atividades lúdicas, experimentos, criação de livros/revistas/painéis, entre outras.
Caso 3	Os profissionais do hospital entregavam as atividades e se houvesse alguma dúvida eles procuravam sanar do contrário enviavam as dúvidas para a escola e os professores respondiam. Mas raramente meu filho teve dúvidas em relação as atividades.

Caso 4	Matemática, Português, Geografia, Ciências e História.
--------	--

Fonte: Os autores

Quadro 8 – Opinião sobre melhorias nas aulas para avanços da instituição

Pergunta: De que forma o hospital pode avançar com melhorias para a realização de aulas no hospital?	
Caso 1	Na minha opinião, a escola móvel do Graacc onde meu filho teve apoio pedagógico é excelente. Os professores são muito dedicados aos pacientes, são dedicados a ensinar até que o aluno compreenda. Todos os hospitais deveriam oferecer esse apoio com ensino escolar aos pacientes em tratamento e impossibilitados de frequentar a escola.
Caso 2	Só haverá avanço quando a sociedade tiver um olhar humanizado para os

	tratamentos hospitalares, reforçado com a existência efetiva e compromissada de projetos maiores de políticas públicas quanto à Educação Hospitalar.
Caso 3	Creio que é feito um trabalho muito bom nesse sentido, talvez com mais profissionais para acompanhar mais individualmente os alunos/pacientes.
Caso 4	É importante manter o fortalecimento de vínculo dos profissionais que ministram as aulas com as famílias.

Fonte: Os autores

No presente capítulo foi apresentado todos os resultados obtidos e no capítulo a seguir será feito a análise e discussões dos resultados apresentados acima de acordo com os conceitos apresentados no capítulo de fundamentação teórica e as experiências obtidas através de nossas revisões bibliográficas.

5 ANÁLISES DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro caso, podemos observar que o responsável pelo paciente do GRAACC viu o ensino como efetivo, sendo tão bom quanto o ensino regular, embora sejam ambientes diferentes, onde há outras vivências.

As aulas do GRAACC buscam trabalhar o lúdico através de atividades dinâmicas, respeitando a grade curricular da escola de origem do aluno. É de grande importância respeitar a grade, visto que seguirá a intensidade de estudos que o aluno já estava habituado, não prejudicando seu aprendizado, e entendendo que a

criança já estará passando por mudanças suficientes ao precisar se adaptar a uma nova realidade.

Ao ver da responsável, a escola móvel do GRAACC é excelente, onde deveria ser até mesmo vista como exemplo por outros hospitais de internação infantil. Sabemos que a saúde vem em primeiro lugar, pois, não havendo saúde, não há estudos. Porém, muitos hospitais investem somente na saúde e acabam não oferecendo um bom ensino para as crianças, que muitas vezes ficam anos dentro do hospital, e infelizmente trabalham conteúdos de forma superficial, sem estímulo ao interesse do aluno através de materiais pedagógicos diferenciados.

No caso 2, podemos observar que os relatos da responsável são semelhantes ao caso 1, onde ela afirma que o ensino durante a internação foi efetivo e fundamental, mesmo que sejam processos diferentes, onde há uma adaptação para a realidade do aluno naquele momento, havendo necessidade de respeitar os limites que surgem devido ao quadro.

Uma afirmação que também é de grande relevância e que buscamos mostrar ao decorrer do nosso trabalho é de quando a responsável diz que os profissionais do hospital são extremamente qualificados para a função e buscam exercer o máximo de comunicação possível com os pais para deixá-los a par de todo o desenvolvimento educativo de seu filho.

Como mostramos em alguns tópicos, o hospital GRAACC dispõe de diversos recursos para que as crianças exerçam seus direitos de estudar e brincar, sendo um dentre tantos as oficinas de artes. O ensino através do método tradicional onde o aluno fica sentado e a professora somente ensinando através de giz e lousa pode sim ser efetivo, mas nos dias atuais é necessário haver inovações para trazer o aluno para perto, despertar interesse e tornar o processo de ensino-aprendizagem algo prazeroso.

O processo educativo onde haja inovações através do lúdico também é necessário em hospitais, pois o aluno pode estar desanimado, com problemas emocionais devido às circunstâncias sendo mais difícil haver concentração e interesse, além de que muitas vezes não é possível que ele saia da cama para ir sentar em uma mesa e estudar, tornando imprescindível haver esses diferenciais.

Por fim, para finalizar a análise e discussão do caso 2, a responsável citou que os únicos avanços necessários não são com relação ao hospital e sim sobre a sociedade, onde deve-se haver um olhar mais humanizado em relação aos tratamentos hospitalares, havendo assim projetos e políticas públicas com relação a pedagogia hospitalar.

Dessa forma, vemos que houve um ótimo trabalho pedagógico durante a internação da criança no GRAACC, onde além de cuidar de sua saúde, houve também um cuidado com os seus estudos dando continuidade em algo que é considerado fundamental.

Com relação ao caso 3, tratamos de relatos de outro hospital que trata câncer infantil, também localizado em São Paulo. O caso apresentado trata-se de um aluno que na época tinha 12 anos e cursava o 6º ano do Ensino Fundamental.

A responsável considera o tempo de ensino durante a internação como sendo efetivo, demonstrando ter sido algo importante pelo fato de preencher o tempo do paciente com algo distante do tratamento, onde havia muita demonstração de interesse pelo aluno.

Relata que não sabe comparar os resultados do hospital com os resultados da escola, pois tem somente um filho, mas reforçou que não ficou distante do executado na escola de origem. Podemos tirar a conclusão de que os resultados não ficaram distantes do executado pela escola, quer dizer que o ensino foi bom, mas que não tão bom quanto.

Quando questionada sobre a comunicação dos professores para com os responsáveis, fomos informadas de que não há nenhum tipo de comunicação, a não ser sobre as notas tiradas nas avaliações. Há apenas comunicação da coordenação pedagógica da escola com a do hospital.

Ao perguntarmos sobre aulas práticas, entendemos que não há, pois são apenas atividades onde as professoras, caso haja dúvidas, procuram sanar, e quando não era possível, enviavam para a escola de origem para que a mesma respondesse. Em nosso ponto de vista, é uma falha a ser tratada, pois nenhum professor conseguiu sanar a dúvida de um aluno é algo fora do comum.

Ao retratar os avanços e melhorias de aulas realizadas pelo hospital, foi nos

passado que no geral é um trabalho muito bom, porém que pode melhorar ao incluir mais profissionais para que haja um acompanhamento individualizado dos alunos/pacientes. Ou seja, podemos entender que o aluno tem aula, porém não tem atenção exclusiva devido aos professores terem mais alunos para dar aula e ensinar, onde cada um fica em um quarto, tendo a professora, então, um curto tempo para atender cada um.

Para concluirmos esse caso, compreendemos que o hospital realiza atendimento pedagógico bom, mas que precisa aumentar o quadro de funcionários, buscar aulas mais didáticas e dinâmicas para os alunos, onde respeitando seus limites possam aprender brincando e também realizar reuniões de aperfeiçoamento e reciclagem com os professores.

Ao analisarmos o quarto e último caso, nos deparamos com um aluno/paciente que realizou seu tratamento hospitalar também na região de São Paulo, não se tratando no GRAACC. A criança durante essa fase cursou a 5ª série do Ensino Fundamental e tinha 12 anos durante o período.

Ao responder a pergunta sobre considerar o ensino durante o período de internação efetivo ou não, foi relatado que sim, mas, em contrapartida, podemos observar que na pergunta seguinte, quando interrogada sobre os resultados se

compararem com os da escola e de ser tão proveitoso quanto, a resposta foi que não, ou seja, não se compara e não são tão proveitosos quanto.

Com relação à comunicação entre professores e responsáveis para relatar o desenvolvimento do aluno, o hospital em questão, levando em consideração sua ala pedagógica, atende as necessidades e interesses de todos os envolvidos.

Aulas práticas são de grande importância como já relatado anteriormente, pois é a maneira mais viável para se trabalhar o lúdico e desenvolvimento do aluno, então se tratando disso, houve o questionamento sobre quais os tipos de aulas práticas oferecidas aos alunos, e a responsável somente respondeu as disciplinas que o aluno teve, podendo considerar que não há aulas práticas ou houve uma interpretação incorreta da pergunta apresentada.

Por fim, sobre os avanços que o hospital pode apresentar para que haja melhorias na realização de aulas, foi nos apresentado que é importante que haja o

fortalecimento dos vínculos entre os profissionais e as famílias. Ao levarmos em conta o que foi apresentado, entendemos que talvez os profissionais apenas executem seu trabalho de ensinar, não havendo preocupação com o lado humano em que todos nós necessitamos, e ainda mais os pais e crianças que estão enfrentando um momento de grande dificuldade.

Podemos observar que há uma consonância entre as respostas dos participantes, onde consideram o ensino hospitalar eficaz, apesar das dificuldades existentes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos através de nossa pesquisa que a percepção dos pais/responsáveis de alunos hospitalizados a respeito da prática educativa é de que a mesma além de ser eficaz é uma aliada do processo de cura.

Mediante nossas observações com bases nas entrevistas notamos que todo tratamento oferecido nesse tempo de internação, desde a assistência, até as equipes profissionais, tem se adequado tem se disponibilizado a cada necessidade dessas crianças/adolescentes enfermos e cada dia dão o seu melhor para que exista uma educação de qualidade e avanço na recuperação de cada diagnóstico/quadro clínico.

Notamos que a prática que se desenvolve por meio da pedagogia hospitalar, cria um tipo de vínculo extensivo entre o paciente com o mundo exterior, traz as atualizações por meio de integrações.

Também percebemos que o GRAACC proporciona uma programação que trabalha com a criança e o adolescente de modo que sinta como se tivesse em situações escolares. No mesmo, vimos que estão sempre trazendo inovações a fim de se manter/tornar um hospital de referência no processo de educação de seus pacientes.

Aos nossos queridos amigos, leitores e professores, que nossa pesquisa seja agradável e de grande valia em suas mãos, e que tomem nota, ciência dessa modalidade pedagógica: A pedagogia no hospital.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G.; MACHADO, L.; STELZER, M. DE um sonho nasce o GRAACC.

Revista Esquinas, 2019. Disponível em:

<https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/saude/de-um-sonho-nasce-o-graacc/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

ALUNOS estudam e fazem quimioterapia em escola móvel. **FOLHA DE SÃO PAULO**. 07 jul. 2013. Disponível em: <https://www.andi.org.br/clipping/sp-alunos-estudam-e-fazem-quimioterapia-em-escola-movel>. Acesso em: 21 abr. 2021.

ARAÚJO, K; RODRIGUES, J. Pedagogia hospitalar no Brasil: breve histórico so século XX aos dias atuais. *Políticas Educativas*, Paraná, v. 14, n. 1, p. 140-148, 2020. Disponível em:

[https://www.seer.ufrgs.br/Poled/article/viewFile/109584/59364#:~:text=A%20pedagogia%20hospitalar%20n%C3%A3o%20%C3%A9,Janeiro%20\(RODRIGUES%2C%202012\)_Acesso em: 04 out. 2021](https://www.seer.ufrgs.br/Poled/article/viewFile/109584/59364#:~:text=A%20pedagogia%20hospitalar%20n%C3%A3o%20%C3%A9,Janeiro%20(RODRIGUES%2C%202012)_Acesso em: 04 out. 2021)

ATENDIMENTO escolar em hospital permite aluno prosseguir com aprendizagem.

INSTITUTO CLARO. 16 nov. 2015. Disponível em:

<https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossasnovidades/reportagens/atendimento-escolar-em-hospital-permite-aluno-prosseguir-com-aprendizagem/>. Acesso em 21 abr. 2021.

BISCARO, D. Pedagogia Hospitalar e suas Bases Legais. **iParadigma**. Disponível em: <https://iparadigma.org.br/wp-content/uploads/Ed-inclusiva-13.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

BRASIL, Constituição (1989), Capítulo III – DA CULTURA, DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, Art. 205. Disponível em:

https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_26.06.2019/art_205_a_sp. Acesso em: 26 de abr. 2021.

BRINQUEDOTECA terapêutica senninha - instituto de oncologia pediátrica -

GRAACC – UNIFESP. *A Brinquedoteca*, 2005. Disponível em:

<http://www.abrinquedoteca.com.br/brinquedotecas3.asp?id=1>. Acesso em: 25 abr. 2021.

DIAS, M; RODRIGUES, K. Pedagogia hospitalar: o pedagogo e suas práticas educativas em espaços não escolares. In: EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, XIII, 2017, Curitiba. Disponível em:

https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23541_13120.pdf. Acesso em: 21 abr. 2021.

ESCOLA Móvel - Setor de Atendimento Escolar Hospitalar do GRAACC. **Professor Hospitalar**, 2019. Disponível em: <https://professorhospitalar.wordpress.com/>. Acesso em: 21 abr. 2021.

ESCOLA Móvel permite que jovens em tratamento contra o câncer estudem. **REDE GLOBO**. 08 nov. 2014. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/como-sera/noticia/2014/11/escola-movel-permite-que-jovens-em-tratamento-contra-o-cancer-estudem.html>. Acesso em: 21 abr. 2021.

FONSECA, E. A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 117-129, jan./jun. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/JyyRPGpGDGtWVKHTd7RBqsb/?lang=pt#:~:text=Considerando%20este%20fato%2C%20o%20presente,funcionamento%20em%2013%20unidades%20federadas>. Acesso em: 19 mai. 2021.

HOSPITAL do GRAACC completa 27 em novembro. **Sindhosfil**, 2018. Disponível em: <https://sindhosfil.com.br/hospital-do-graacc-completa-27-anos-em-novembro/>. Acesso em: 21 abr. 2021.

INSCRIÇÕES abertas para a pós-graduação de educação em saúde no graacc. Portal Hospitais Brasil, 2019. Disponível em: <https://portalhospitaisbrasil.com.br/inscricoes-abertas-para-a-pos-graduacao-de-educacao-em-saude-no-graacc/>. Acesso em 21 abr. 2021.

JESUS, C.S; MATIAS, D.; OLIVEIRA, H. *Pedagogia Hospitalar: metas e desafios para o pedagogo*. Brasil Escola, 2021. Disponível em: <https://m.meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/pedagogia-hospitalar-metas-desafios-para-pedagogo.htm>. Acesso em: 22 mar. 2021.

JOSÉ, L. GRAACC – Um breve texto sobre sua origem. **Medium**, 2019. Disponível em: https://medium.com/@leo_silva997/graacc-um-breve-texto-sobre-sua-origem-f420132419da. Acesso em: 22 mar. 2021.

MUELLER, P.; ENDLICH, E.; MACIEL, V.; CAMAS, N.; *Paradigmas educacionais e a prática pedagógica: uma proposta de reconfiguração da docência*. In: EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, XII, 2015, Curitiba. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20240_10362.pdf. Acesso em: 04 out. 2021

OLIVEIRA, E; SILVA, V; FANTACINI, R. *Pedagogia hospitalar: a brinquedoteca em ambientes hospitalares*. *Research, Society and Development*, Minas Gerais, v. 1, n. 1, p. 88-104, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/5606/560658988006/html/index.html> Acesso em: 25 abr. 2021.

OTEIRO, L.; DUTRA, M.; SILVA, P.; FANTACINI, R. *Pedagogia hospitalar: conhecendo as suas modalidades de atendimento*. *Research, Society and Development*, vol. 5, núm. 1, pp. 18-32, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5606/560659000002/html/>. Acesso em: 04 out. 2021

VASCONCELOS, S. *Classe hospitalar no mundo: um desafio à infância em sofrimento*. **SBPCNet**, 2008. Disponível em:

http://www.sbpnet.org.br/livro/57ra/programas/conf_simp/textos/sandramaia_hospitalar.htm. Acesso em: 20 abr. 2021.

WIESE, M.; MATOS, E. Trabalhando sob novos olhares e novos desafios na pedagogia hospitalar, Int. J. Knowl. Eng. Manag, ISSN 2316-6517, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 66-82, jul./out. 2013. Disponível em:
<file:///C:/Users/User/Downloads/81463-Texto%20do%20Artigo-297656-1-10-20210520.pdf>. Acesso em: 19 maio. 2021.